

Redes Culturais em Territórios Urbanos¹

Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva²

Universidade Federal de Minas Gerais

Milene Migliano Gonzaga³

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

A organização dos grupos urbanos em redes culturais possibilita aos indivíduos, através de relações horizontais e colaborativas, produzir narrativas, territórios de negociação e se conectar a outras redes, que os inserem como interlocutores do mundo globalizado. Os indivíduos constituintes destas redes participam da ação política mediante a produção/apropriação e recepção cultural, a partir de suas experiências no cotidiano urbano, arraigadas em valores comunitários e locais.

Palavras-Chave

redes sociais, culturas urbanas, experiência, cotidiano, territórios de negociação.

1. Introdução

Nos propomos pensar o urbano para além da idéia de fragmentação e perceber como a cidade, através de seus habitantes, possibilita um olhar do movimento. Entendendo o olhar totalizador como o olhar que organiza e planeja a cidade, procuraremos encontrar outros olhares que construam textos de outros lugares e que assim, des-organizam “esse lugar totalizador e, obrigando ao movimento, nos disponibiliza para outra apreensão de sentidos”.⁴

Buscamos a partir das formas de narratividade da cidade acessar o discurso urbano e chegar à produção de sentidos da cidade. Essa abordagem conduz a um encontro de especial subjetividade com a cidade nos permitindo analisá-la como espaço vivido, interiorizado e projetado por todos os grupos sociais que o habitam. Levando em conta os modos sociais de produção de sentidos próprios da cidade é possível entender como relações de uso não

¹ Trabalho apresentado ao NP 21 – Comunicação e Culturas Urbanas, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutora em História Social pela USP e mestre em Ciência Política pela UFMG. Pesquisadora do CNPq. Membro do Grupo Redes do IEAT-UFMG. Pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMGE do programa Le Mots de la Ville, MOST/Unesco e CNRS/Paris. Professora do Depto de História e do programa de pós-graduação em Comunicação Social da UFMG.

³ Jornalista, pesquisadora do projeto Cartografias Urbanas e do Grupo Redes do IEAT - UFMG.

⁴ ORLANDI (2000, p.10)

só a percorrem como também intervem nas formas de circulação e nos sentidos determinados de fluxos criando outros e redirecionando-os.

O cotidiano apresenta-se, cada vez mais, como o lugar da experiência, do vivido, como terreno fértil para percebermos os traços objetivos que compõem os fluxos subjetivos. Deste modo, o cotidiano se refere as situações singulares. Ele é encarnado – em corpos, em lugares, em organizações, e é traduzido em atos da vida comum, nos lares, no trabalho, nas situações particulares – a vida é vivida por sujeitos com nome, endereço, compleição física, biografia própria. Os homens constroem lugares marcados simbolicamente, estabelecem territórios, deitam raízes e são nutridos por elas, pelo seu chão. Os sujeitos de fala que estamos buscando são as classes populares (o “outro” social), grupos sociais que vivem uma situação de exclusão social – ou, dito de outra maneira, uma inserção social caracterizada pela desigualdade e privação de bens (materiais e simbólicos) e direitos. Incluem-se aqui as populações faveladas, os excluídos da terra e do mercado de trabalho, as etnias, etc. Assim, buscamos as diversidades. Interessa-nos recolher diferentes tipos de narrativa, do ponto de vista dos suportes (meio técnico de expressão e veiculação), visibilidade (campo de circulação), institucionalização (maior ou menor legitimidade do lugar de fala) e cenários de intervenção (reportamo-nos aqui a manifestações culturais em que os sujeitos sociais desenvolvem formas não mediadas de expressão).

O objeto que recortamos para nossa reflexão compõe-se dessas cenas, construídas narrativamente, partilhadas simbolicamente. O tratamento teórico desse objeto supõe o entrelaçamento de duas vertentes conceituais. A primeira delas diz respeito às discussões sobre processos identitários, exclusão social e relações de alteridade, bem como às tensões e ao jogo de posicionamentos que marcam a coexistência — e confronto — dos vários sujeitos na cena social. A segunda vertente se refere às discussões sobre formas comunicativas. Interessa-nos pensar a comunicação enquanto instância constituidora, o lugar de fala como espaço de articulação e intervenção dos sujeitos.

2. A experiência na cidade-fluxo

Da imagem reticulada representada em plantas e projetos passamos hoje às imagens de rede ou, redes de imagens para olhar para a cidade. Uma rede de comunicação que destruturou as representações territoriais tradicionais. São novas formas de se perceber as cidades que

necessitam de novas estratégias de pesquisa para encontrar/criar as características de sua visibilidade. É necessário “criar uma estratégia capaz de levar o pesquisador a se defrontar com essa imagem que é, ao mesmo tempo, produzida e reproduzida pelo olhar de cada habitante”⁵.

Trata-se de conhecer como se inserem, como interlocutores efetivos, na trama da vida urbana grupos que estão distribuídos no grande mosaico da cidade. Partimos do princípio que a desigualdade não se vê só no econômico, mas também nas distintas maneiras nas quais conhecem e se apropriam da cidade e de suas ofertas culturais.

Assim, procuraremos entender a cidade como produtora de sentido, como percurso, espaço virtual de realização, conseqüência do uso social, mas também de usos derivados mais ou menos controlados, mais ou menos periféricos, mais ou menos invisíveis, geradores de uma certa sociabilidade, de um “estar junto” comunitário.

Uma das portas de entrada da cidade é apreendê-la como lugar social de utilização e lugar simbólico produtor do espaço, o que faz surgir a multiplicidade de imagens que a cidade tem dela mesma e a diversidade de seus ocupantes detectando as diferentes possibilidades de apropriação do espaço.

É dentro da perspectiva física de ocupação do espaço, da cidade como um conjunto de construções e regulamentos e a partir do habitante dessa, que se dá a relação entre duas visões sobre o espaço: a da extensão (ocupar um certo espaço) e a da identificação (conferir à um certo espaço uma significação que permite compreendê-lo). Uma vez designado o espaço a ser ocupado pelo habitante da cidade é à comunidade urbana que ele se identifica, que ele adere. Torna-se importante marcar a diferença entre a representação física do espaço e a representação social da comunidade urbana⁶.

A cidade como espaço físico foi pensada, nos últimos séculos, por seus planejadores enquanto espaço de/para circulação de pessoas e mercadorias com alguns lugares públicos onde se dariam os encontros dos habitantes; hoje essa idéia foi substituída pela de fluxo. Segundo Martín-Barbero⁷, o “paradigma informacional” que foi durante anos um modelo teórico da comunicação hoje faz parte da estrutura e da experiência urbana. Desde que os planejadores se propuseram a ordenar o caos urbano, a comunicação que hegemoniza o

⁵ FERRARA (2000, p. 23)

⁶ LAMIZET (1997, p. 45)

⁷ MARTÍN-BARBERO (10/06/2005)

planejamento é a do fluxo de veículos, de pessoas e de informações. Isso seria a circulação constante, que é ao mesmo tempo tráfego ininterrupto e interconexão transparente, “a cidade historicamente existe em função de uma circulação, de entradas e saídas cuja incumbência é fazer passar os fluxos”⁸.

Em tempos de globalização, Martín-Barbero pergunta de que maneira o habitante da cidade experimenta a transformação radical que vivem as cidades hoje sob o paradigma do fluxo. Nas discussões atuais sobre os sentidos de projetos culturais surge a questão da “reafirmação do local” no mundo globalizado, o que nos leva a procurar acessar os fluxos que conformam as redes culturais que constituem a cidade.

A interação de realidades particulares em torno de planos culturais permite a inserção de novos discursos e expressões na cena pública. O ponto mais significativo dessa interseção de idéias reside na questão da constituição/construção das identidades das pessoas. Hoje em dia os processos de constituição de identidades tem se dado através de projetos culturais onde pessoas vêm se organizando em redes alternativas ou redes de solidariedade social, como forma de se garantirem perante as relações sociais assimétricas e tomarem a direção da constituição da sua identidade e o acesso à cidadania.

As pessoas têm uma necessidade premente de pertencimento/reconhecimento em relação à comunidade ou grupo social no qual estão inseridas. Nesse sentido, é no processo de organização em torno de projetos comuns, sobretudo projetos culturais, em que os indivíduos identificam e compartilham não só o mesmo território, mas seus interesses e necessidades, constituindo suas identidades individuais e coletivas.

3. Redes de comunicação: práticas culturais na/da cidade.

Redes, durante quase todo o tempo, são estruturas invisíveis, informais, tácitas. Elas perpassam os momentos da vida social, mas praticamente não se dão a ver - são o conjunto de "conexões ocultas", como diria Capra; ou a "estrutura submersa", nas palavras de Alberto Melucci. A noção de horizonte refere-se a essa incapacidade de se saber a extensão da rede para além de um certo ponto. Na prática social, cada uma das pessoas possui muitos círculos de relacionamento, mas não sabe quantos eles são ou como identificá-los. Na verdade, as pessoas, de modo geral, só vêem a rede quando precisam dela.

⁸ PELBART (2000, p. 46)

Esse aspecto é muito importante para a compreensão de uma característica específica das redes sociais (e por extensão de todas as redes). Redes são fenômenos coletivos, isto é, sua dinâmica implica relacionamento no âmbito dos grupos, sejam eles conjuntos de proteínas, células, espécies, sítios na internet, pessoas ou comunidades. A rede aparece quando é acionada, a dinâmica das redes é o resultado da ação de conexões de muitos em interação produtiva. Nesse sentido é que a referência à comunidade tem absoluta pertinência no campo das redes sociais

Ao invés de uma concepção de comunidade associada a algum grau de permanência ou vínculo estável (como a um território ou a uma tradição), a rede opera como uma espécie de "comunidade em trânsito" ou "comunidade móvel".

Múltiplas e complexas redes sociais se desenvolvem a partir de diferentes estratégias relacionando "mundos" que às vezes são considerados distantes entre si. Redes sociais não adquirem necessariamente contornos espaciais ou comunitários e nem constituem "setores", mas antes percorrem complexamente todo o tecido social, político e econômico.

Quando algum contorno espacial-comunitário se desenha, quando alguma espécie de "territorialização" pode ser identificada, a questão parece ganhar uma dimensão política diferente: se por um lado essa territorialização reforça estereótipos e estigmatiza importantes segmentos sociais do espaço urbano, por outro passa a constituir efetivamente novos espaços de sociabilidade, que emergem das relações de poder que demarcam esses territórios.

Então aqui estamos entendendo redes como um conjunto de elementos econômicos, políticos, sociais, tecnológicos, culturais, onde não existe predominância de um sobre o outro. A estruturação destas redes busca promover a participação dos indivíduos e instituições que as compõem em relações horizontais e colaborativas. Esses sistemas reticulares, construídos através de deliberações gestadas e tomadas de maneira participativa, constituem agregações que identificam-se com comunidades, sejam elas presenciais ou virtuais, podendo congrega indivíduos, grupos locais, regionais, nacionais e internacionais. Assim, a expansão das redes pode ser resultado de conexões com outras redes, garantindo as operações independentes e autônomas de cada nó, a descentralização do processo decisório, através de multilideranças, e a capilarização dos propósitos e ações comuns.

A noção de rede compreende o entrelaçamento de iniciativas sociais, articuladas em torno de propósitos comuns. Tal reticulação baseia-se na ação das células, organizações de natureza similar ou diversa que propõem-se a aglutinar esforços de maneira cooperativa, produzindo complementaridade aos trabalhos desenvolvidos.

As redes estruturam à sua maneira, o campo de forças das relações de cooperação e de antagonismo que estão presentes na sociedade humana. São, de fato, instrumentos de poder e de rivalidades para seu controle. Elas são suscetíveis de funcionar como instrumentos de integração e de exclusão, na linha direta dos processos de diferenciação. Além disso, as redes sociais em sua relação com o território, evidenciam que essa relação é ambígua: ora a rede é fator de coesão, ora de transgressão dos territórios, opondo às malhas institucionais suas lógicas funcionais. Nesse aspecto, a análise das redes sociais, distinguindo sua infraestrutura, seus serviços e seu comando, permite-nos superar esta contradição entendendo que sua participação é essencial para a construção de novas escalas territoriais, ainda que seu papel não seja determinante, mas de acompanhamento, na estruturação dos territórios.

O espaço mundializado deu lugar a uma maior visibilidade das culturas. O desenvolvimento das tecnologias de comunicação também desempenhou neste espaço um papel importante. Fez com que a proximidade das culturas tornasse a sua coexistência muito mais palpável. Tem sido tecida uma gama infindável de relações múltiplas que nascem entre as culturas quando estas tomam umas das outras seus traços distintivos, quando se mesclam e se mestiçam partindo de seus traços específicos para integrar-los cada uma delas em seu espaço social e simbólico próprio. Podemos nos comunicar com o mundo que nos rodeia, com os outros, e até mesmo conosco, sem procedermos à transmissão de quaisquer informações, da mesma forma como podemos transmitir informações sem criarmos ou alimentarmos quaisquer laços sociais. Na experiência comunicacional intervêm processos de interlocução e de interação que criam, alimentam e restabelecem os laços sociais e a sociabilidade entre os indivíduos e grupos sociais que partilham os mesmos quadros de experiência e identificam as mesmas ressonâncias históricas de um passado comum.

Mas temos que nos lembrar que a diversidade marca territorialmente nossos espaços de viver a partir de formas de vida específicas que se refletem em padrões de comportamento diversos e, às vezes, em tensões e conflitos. A gestão destas tensões, a construção da

convivência com o respeito à diferença são alguns dos desafios mais importantes que todas as sociedades enfrentaram ou têm enfrentado. A expressão concentrada da diversidade cultural, das tensões dela conseqüentes e da riqueza de possibilidades que também encerra estão colocadas para nós como um desafio: encontrar os meios institucionais capazes de garantir o que chamamos de interculturalidade. O que seria essa interculturalidade? Uma forma de entender essas questões é partir de um olhar que possibilita captar interações culturais que não são meras justaposições de grupos diversos, mas que são possibilidades de ligações entre diferentes e às vezes conflitantes. Isso nos aponta caminhos, linhas, links, de construção de zonas de negociação. São manifestações culturais diferentes que se interconectam por nós e laços de reconhecimento sociais.

4. Redes no território da cidade.

Para alguns autores o território hoje é também movimento, ritmo, fluxo, rede e este movimento é dotado de significado, de expressividade, passa a ter sentido para quem o constrói e/ou para quem o usufrui.⁹ “A estruturação de uma sociedade em rede ... significa novas territorializações, aquelas em que o elemento fundamental na formação de territórios, a ponto de quase se confundir com eles, é a rede.”¹⁰

Entender como se constituem redes no território da cidade a partir de práticas culturais nos leva a buscar suas formas de estabelecimento em valores comunitários e de também serem recursos utilizados em mobilizações sociais.

Inúmeros jovens das periferias das grandes cidades estão envolvidos com manifestações culturais em suas comunidades. Estes jovens identificam-se com outros que demonstram os mesmos interesses culturais e conformam grupos que se localizam espacialmente em suas comunidades. Além disso, eles estabelecem laços com outros jovens que reconhecem símbolos, signos e linguagens comuns, formando uma comunidade para além de seus lugares de moradia, uma comunidade que não tem uma espacialidade física.

Mas estes jovens são identificados por projetos e propostas exteriores a eles e se encontram em um outro espaço que não é o definido por eles. Aqui eles se organizam por projetos, propostas, por intenções na maioria das vezes exteriores a eles. É o caso dos chamados jovens integrantes de “projetos de ONG’s”, denominação já bastante comum nas periferias

⁹ HAESBAERT (2004, p. 283)

¹⁰ Idem, p. 279.

das grandes cidades e se refere a jovens que já têm uma determinada formação e são sempre escolhidos pelas ONG's para participarem de seus projetos.

Aqui nos interessa um grupo que se constituiu a partir de um projeto que organizou 40 jovens em um curso de Formação de Agentes Culturais da Periferia. Estes jovens foram selecionados a partir da indicação de suas comunidades e deviam necessariamente estar ligados a algum tipo de grupo cultural de suas regiões.

No caso destes Agentes Culturais eles não são constituídos a partir da necessidade do outro, ou do projeto de outros, eles se encontram na diversidade e pluralidade de suas identificações culturais. Conformam um grupo onde pode ser encontrada uma grande multiplicidade de propostas culturais (hip-hop, rock, congado, teatro, dança, rádios comunitárias, etc). Assim se transformam em um núcleo, em um nó, onde coexistem diversidades culturais, políticas, sociais. Conformam laços identitários e de pertencimentos e recriam uma “comunidade da prática”, uma nova territorialidade, que não é traduzida em uma área física mas sim em territórios em movimento. Aqui suas referências espaço-simbólicas são feitas não apenas no enraizamento e na estabilidade, mas na própria mobilidade.

Mas estes jovens ao se encontrarem em um projeto decidem criar uma rede social e física na cidade e voltam à periferia constituindo nós (ou núcleos) de uma rede que agora decidem espalhar pela cidade. Assim vão linkando diferentes elementos, criando territórios que não são unidades homogêneas construindo uma rede através de um projeto cultural: a Rede Diversidade Cultural.

A Rede Diversidade Cultural passa a criar outras redes, constituindo outros nós e hoje já estão linkados a nós de vários lugares do país e do mundo. Atuam principalmente nas discussões e deliberações em fóruns sobre políticas públicas, sejam elas culturais, que digam respeito à condição de ser jovem, ou outras.

Como entender as diversas possibilidades colocadas por uma mobilização cultural deste tipo? Nossa proposta é de ir buscando nó por nó da rede e tentar entender a constituição dos nós/territórios e os links instituintes de outras territorialidades.

- a) **Encontros por eventos ou por manifestações coletivas que conformam rede a partir de acionamentos.**

Hip Hop Chama começou como um evento que procurava unir comunidades do Hip Hop da cidade de Belo Horizonte, hoje é um movimento que já tem 5 anos e se propõe a buscar aproximar os jovens que fazem a cultura Hip Hop da Grande BH. De acordo com Áurea Dejavu, militante do movimento, a iniciativa surgiu quando algumas pessoas ligadas ao Hip Hop decidiram buscar estratégias de fortalecimento dessa cultura. A fase inicial do movimento foi marcada por três eixos principais. O primeiro consistiu na busca pela afirmação do Hip Hop como movimento sócio-cultural de transformação. O segundo eixo tentou ressaltar o caráter artístico e cultural do Hip Hop. E o terceiro propôs discussões éticas que estavam intimamente relacionadas ao cotidiano de seus integrantes.

Em 2004, a partir de discussões na Rede Diversidade Cultural, os participantes do movimento Hip Hop Chama decidiram elaborar um fórum de discussão. Era o início do evento que ficou conhecido como 3o Hip Hop Chama. Nesse encontro, além do debate sobre a conquista do movimento Hip Hop, buscou-se desenhar futuras ações. Segundo Áurea, “esse encontro foi um novo estágio para o movimento, pois consistiu em uma ação mais organizada. Enquanto as ações estiverem dispersas, a gente não conseguirá grande amplitude, pois não terá muita força”.

Hoje, no movimento, existe a preocupação em construir e ampliar uma teia que enreda movimentos juvenis de todo o país. A idéia é criar um espaço de reflexão sobre uma cultura nacional do Hip Hop e buscar melhores condições de vida para a juventude da periferia.

Este é um nó que se constituiu a partir de uma experiência que já estava sendo abandonada e que tomou outros sentidos a partir da constituição de um território comum com outras práticas culturais. Os jovens representantes do Hip Hop na Rede Diversidade Cultural voltam a buscar as possibilidades de mobilização através de um evento que agrega a diversidade instituinte do hip hop. A rede aqui era acionada apenas na experiência comum do evento e depois aciona a necessidade de aparecer um núcleo gerador de propostas que levam a diversos links e movimentos pelo território cultural.

b) Encontros por diversidade e pluralidade de diversificações culturais em um território comum

O NUC - Negros da Unidade Consciente, segundo eles “como o próprio nome já diz, prega a conscientização dos jovens através de letras politizadas, denunciando as injustiças sociais

típicas da periferia das grandes cidades brasileiras”, é um grupo de Rap, de onde foram indicados dois jovens para representarem a comunidade do Alto Vera Cruz¹¹, no Curso de Formação de Agentes Culturais.

Estes jovens conectam o grupo com movimentos que discutem cultura afro-brasileira, movimento hip-hop, grupos de discussão sobre políticas para a juventude, etc. Ao mesmo tempo, se voltam para a comunidade de onde vieram e criam em conjunto com o Centro de Ação Comunitária Vera Cruz (sociedade civil sem fins lucrativos organizada para defender os direitos dos moradores do bairro Alto Vera Cruz), a Escola Municipal Israel Pinheiro e o grupo Meninas de Sinhá, o “Centro Multiculturalismo Comunitário – Programa de Formação Cultural”. O projeto consiste na realização de palestras e oficinas gratuitas, desde o fim de setembro de 2004. As oficinas contemplam áreas específicas da produção cultural, formação artística e profissionalização técnica, e visam criar novas oportunidades de trabalho a 380 jovens moradores. A idéia é fortalecer as dezenas de grupos culturais existentes na comunidade, dando-lhes condições de inserção no mercado, e tornar a cultura e a educação vetores de inserção social. “O projeto surgiu da necessidade do movimento cultural como um todo, de uma formação contínua, que possibilite a auto-produção”, completa Renegado¹². Formado com o principal propósito de estimular a autovalorização dos moradores da periferia, os projetos desenvolvidos pelo N.U.C vão ao encontro da proposta original do grupo.

Este é um nó que produz interações com outros nós localizados em inúmeros territórios, mas que também se volta para a constituição multiterritorial de sua comunidade.

c) Encontros conformadores no/do território

A Comunidade dos Arturos, localizada na zona rural de Contagem é organizada como uma pequena comunidade negra que nos tempos atuais discute a possibilidade de seu reconhecimento como território quilombola¹³.

A vida dos Arturos é governada pela religiosidade e pela união da comunidade, baseados na tradição, na figura de Arthur Camilo e nos ancestrais africanos. O passado é revivido nas

¹¹ O Alto Vera Cruz é uma região de periferia de Belo Horizonte que tem sido apontada como uma das mais violentas da cidade.

¹² O NUC é formado pelo DJ Francis e os MC’s Negro F, Renegado e Dani Crizz.

¹³ A comunidade tem início a partir da compra do terreno por um ex-escravo, Arthur Camilo, e a constituição do grupo a partir de sua família. Durante muito tempo os Arturos não admitiam serem identificados como comunidade remanescente de quilombos mas nos tempos atuais eles avaliam que é interessante para a comunidade ser reconhecida como quilombola.

festividades. A festa é o momento da tradição viva, de viver o sagrado através da dança, da música, dos cantos, da bandeira. A vivência da tradição faz com que os Arturos sintam-se participantes de uma estrutura mais ampla. A transmissão do conhecimento da comunidade se dá através da oralidade. As histórias dos antepassados são rememoradas pelos velhos.

Os velhos Arturos, responsáveis em narrar a tradição são entendidos como a tradição viva, como extensão da vida dos antepassados que deve ser perpetuada nos descendentes. São elementos de coesão, de identidade do grupo. O “ser” Arturo é aprendido na fala dos mais velhos, no cotidiano e nos momentos de festa.

A narrativa dos velhos, o intercâmbio das experiências vividas por eles e pelos antepassados funciona como a costura da comunidade. As histórias contadas são elos de ligação dos Arturos, é sua tradição, são suas raízes, em torno das quais a comunidade se une. E as narrativas dos velhos são experienciadas na Festa de Nossa Senhora do Rosário. A tradição é verificada pela experiência, é explicada no ato de se participar da festa, de exteriorizar a união do grupo e a fé no Rosário. O tempo dos antepassados é revivido e imbuído de significado para os participantes.

O lugar dos mais velhos na comunidade era de união e coesão do grupo, uma vez que carregam as histórias da comunidade, são as pessoas onde as raízes são mais profundas. Dessa forma, conformam uma espécie de núcleo de onde emana a identidade do grupo, os traços distintos. Ao procurarem, “ensinar” a história aos mais novos, ser um lugar de referência, de tomada de decisões, reafirmam a continuidade dos costumes. O reconhecimento do lugar dos mais velhos por parte dos membros da comunidade é uma forma de marcar o pertencimento ao grupo.

Mas a comunidade começa a apresentar desconexões, atingida pelas diferentes relações estabelecidas com a cidade e com o mundo o lugar dos mais velhos perde a centralidade na conformação da comunidade. A tradição oral para os jovens, se desqualifica enquanto fio que tece a história.

Neste momento dois jovens desta comunidade são indicados para fazer parte do Curso de Formação de Agentes Culturais e depois integram, como coordenadores locais, um projeto que surge da instituição de uma política pública baseada no contato com comunidades quilombolas: o projeto UNISOL-Quilombos.

A partir da demanda de constituição de uma Casa da Memória¹⁴ da comunidade os jovens buscaram possibilidades de desenvolverem um projeto de história oral. A partir da experiência de ouvir e gravar as lembranças dos mais velhos, os jovens religaram a história da comunidade e passaram a fazer parte dela. Este reencontro com sua história é possibilitado também pelas duas lideranças jovens que tiveram a oportunidade de integrarem a Rede Diversidade Cultural e interconectarem suas tradições e história a outros grupos, lugares e territórios.

5. Considerações Finais

Neste texto buscamos entender como se constituem, em tempos de globalização, possibilidades de interação social a partir de novas formas de conectividade que possibilitam, a qualquer momento, nos conectar a qualquer pessoa, a um reservatório de dados e a processos de intermediação cultural-político-social. Essa multiplicidade de canais permite uma nova forma de coletividade, um novo tecido social, uma rede de indivíduos em contínua comunicação. Nos importa analisar por um lado, a formação de redes sociais e, de outro, as potencialidades de tais redes na promoção de novas formas de relação compartilhada.

A importância disso está associada à possibilidade de se criar novos coletivos sociais mais autonomizados. Nossa discussão aqui busca começar a entender como se dá a formação de redes sociais e os processos de sua transformação. Trata-se, portanto, de entender o que são os coletivos na vida cotidiana, quais as possibilidades de conformação de redes culturais urbanas.

Enfim, este texto inicia uma reflexão sobre a importância de entender o ato da comunicação como um dos sentidos que estão no cerne da globalização e da sustentação da diversidade cultural. A comunicação é uma das vias pelas quais os indivíduos expressam sua identidade, opiniões e intenções, e as confrontam com outros indivíduos oriundos de contextos culturais distintos. Cada vez mais escutamos falar em redes: sociais, sócio-técnicas, de comunicação, digitais, de informação, etc.. Importante ressaltar é que

¹⁴ A comunidade é sempre procurada por pesquisadores acadêmicos, documentaristas, jornalistas e políticos. Existe uma associação eleita e apenas seu presidente ou os indicados por ele podem dar entrevistas e falar sobre a comunidade. O projeto de constituir uma Casa da Memória era uma tentativa de criar um espaço onde seriam colocados os documentos que a comunidade julgasse importantes de serem pesquisados pelos “de fora”.

todas essas possibilidades significam o compartilhamento de identidades, a formação de laços sociais, enfim a constituição de nossa presença na sociedade a partir de formas colaborativas de produção e de comunicação . E, significam também, o entendimento do lugar da cultura para além de vê-la como uma forma de conhecer e planejar transformando-a em lugar de transformação e inovação.

As respostas aos processos de globalização provenientes de diversos tipos de movimentos sociais e culturais repercutem hoje, na base do sistema político, na auto-compreensão dos sujeitos que defendem seus interesses não só através do voto ou da participação em mobilizações para aceder ou estender direitos, mas também mediante a produção e recepção cultural. Ou seja, já não é mais viável uma compreensão tradicional da ação política, o que não deve ser entendido como o abandono da idéia de uma esfera política, mas é preciso prestar mais atenção aos efeitos políticos de ações que se supõem simplesmente culturais ou econômicas.

É necessário compreender que as redes sociais constituídas com base em práticas culturais, além de estarem arraigadas em valores comunitários, passam a servir, organizadas, como recurso para a mobilização política e/ou econômica, ou seja, constituem aquilo que entendemos como territórios de negociação.

6. Bibliografia

ARANTES, Antônio (org.) *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. *A Globalização Imaginada*. SP: Iluminuras, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

CASTRO, Gustavo & DRAVET, Florence (orgs.) *Sob o céu da cultura*. Brasília: Thesaurus; Casa das Musas, 2004.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2000.

FRIEDMAN, Jonathan. *Identidad cultural y proceso global*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001.

- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 283
- LAMIZET, Bernard. Les langages de la ville. In: LAMIZET, Bernard et SANSON, Pascal. *Les langages de la ville*. Marseille: Editions Parentheses, 1997. (p. 45)
- LAURELLI, Elsa. *Nuevas territorialidades: desafíos para América Latina frente al siglo XXI*. La Plata: Ediciones Al Margen, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus Martin. *De la ciudad mediada a la ciudad virtual*. In: Innovarium. www.innovarium.com/CulturaUrbana/VirtualJMB.htm (10/10/2000)
- ORLANDI, Eni P. (org). *Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas, SP: 2001. (p.10)
- PELBART, Peter Pal. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000. (p. 46)
- PRADO, José Luiz Aidar (org.) *Lugar Global e Lugar Nenhum: ensaios sobre democracia e globalização*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- SANTOS, M. Território e Dinheiro. In: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. *Território, Territórios*. Niterói: PPGEO-UFF/AGB-Niterói, RJ. 2002. p.17 – 38.